

As crianças selvagens

Lucien Malson, na década de 60 do século XX, no livro *As Crianças Selvagens*, desenvolve um conjunto de considerações sobre 52 crianças selvagens que ele recenseou. Divide-as em três tipos: as crianças solitárias, as crianças educadas por animais, como, por exemplo, lobos, ursos, leopardos, e as crianças reclusas, isto é, as que cresceram afastadas de todo o contacto social, geralmente sequestradas por pais mentalmente perturbados ou abusivos. Apresentamos aqui breves notas sobre os casos que acima referimos.



Victor de Aveyron

Podendo ser enquadrado no tipo das crianças solitárias, Victor foi encontrado em 1799 por um grupo de caçadores na floresta de Laucane, em Aveyron, França. Era então uma criança nua, que se deslocava nos quatro membros. Não falava e farejava vigorosamente. Tendo sido diagnosticado como sofrendo de demência e idiotia de origem biológica, é internado no Instituto de Surdos-Mudos em Paris. Jean-Marc Itard, um jovem médico, propõe-se acolhê-lo dado que considera que o seu comportamento é efeito da ausência de qualquer contacto social. Ao longo de 18 anos regista em relatórios pormenorizados a evolução do comportamento de Victor resultante do processo de educação que sistematicamente leva a cabo. O processo de educação de Victor conseguiu fazer com que este passasse a comer num prato, a usar uma colher, a dormir numa cama, a usar roupa e sapatos. Contudo, Victor só consegue produzir algumas palavras e resolver problemas muito elementares. Morre aos 40 anos. Na autópsia constata-se que não apresentava qualquer lesão cerebral.

Amala e Kamala

Em 1920 o reverendo Singh, chamado a uma aldeia, Midnapore, a sudoeste de Calcutá, descobre duas raparigas, Amala e Kamala, que dormiam, comiam e viviam com um grupo de lobos. A mais velha, Kamala, teria cerca de 8 anos enquanto Amala teria apenas aproximadamente um ano e meio. Os registos sobre o caso são sobretudo os realizados pelo casal Singh que as acolheu. Andavam, tal como Victor, apoiadas nos pés e nas mãos, comiam carne crua, alimentavam-se acoradas, uivavam como os lobos e eram particularmente ativas durante a noite. Não tinham senso de humor, não exprimiam tristeza nem mostravam curiosidade. Não revelavam um sentido de ligação afetiva a outros seres humanos. Integradas na sociedade humana, apoiadas pelo casal Singh, só adotaram a posição ereta seis anos depois. Kamala chora pela primeira vez

quando a irmã morre. Progressivamente recorre a gestos e a algumas palavras elementares para comunicar com as outras pessoas. Contudo, não tomava qualquer iniciativa para contactar com os outros mostrando-se indiferente se não fosse solicitada pelas pessoas.

Gennie

Foi descoberta em 1970, na altura com 13 anos de idade. Gennie teria vivido, desde bebé, amarrada a uma cadeira e aprisionada num quarto onde não chegavam estímulos auditivos ou visuais: um quarto escuro, ao fundo da casa, afastado dos sons da vizinhança. Subnutrida, parecia ter apenas 6 anos apresentando comportamentos muito semelhantes aos de Victor. O pai de Gennie, um homem perturbado e violento, batia-lhe frequentemente e não falava com ela. Quando a ela se dirigia era apenas latindo ou imitando um cão a rosnar.

Aos catorze meses de idade Gennie teria sido erradamente diagnosticada como retardada. Aparentemente devido a ciúmes da atenção que a mãe devotava à criança, o pai de Gennie teria então levado a cabo a reclusão da criança. A mãe, atemorizada e perdendo a visão, terá tido cada vez mais dificuldade em passar tempo com a menina. Tendo sido retirada aos seus pais, Gennie foi estudada sobretudo no que dizia respeito à sua linguagem. Entregue aos cuidados de um grupo de cientistas, entre eles uma linguista, Susan Curtiss, Gennie fez alguns progressos quer em termos sociais quer em termos linguísticos, tendo acabado por ser capaz de utilizar algumas palavras e frases, produzir algumas frases novas, ouvir e esperar pela sua vez em conversas e referir-se a pessoas ou acontecimentos tendo em conta o tempo. O caso envolveu os meios de comunicação social e levantou muitas questões, até de ordem legal. O seu acompanhamento acabou por ser descontinuado. Sabe-se que está internada numa instituição para atrasados mentais.

Isabel

A sua existência foi revelada ao público por um grupo de jornalistas que andavam a investigar o caso, em 1980. Isabel foi encontrada, quando tinha oito anos, a viver num galinheiro. Segundo os registos da instituição onde passou muitos dos anos desde então, Isabel não falava, tinha problemas de controlo emocional e de agressividade, mordia-se a si própria, não conseguia andar sem ajuda e era incapaz de se concentrar em qualquer tarefa. Isabel não reagia à presença da mãe. Não exibia perante ela comportamentos nem de aproximação nem de rejeição.

A mãe de Isabel, Idalina, apresentava uma clara debilidade mental, demonstrando fracas capacidades para compreender o que se passava à sua volta e ainda poucas habilidades sociais e emocionais.

Em 1998, e de acordo com uma notícia então publicada no *Diário de Notícias*, Isabel não crescera muito, já conseguia andar sem ajuda em superfícies que não fossem muito irregulares, tinha bastante mais controlo sobre a sua atenção e emoções, já conseguia estar em grupo, mostrando-se com iniciativa e participando, aprendeu a interpretar as expressões faciais emocionais de outras pessoas, tem ela própria expressões faciais compreensíveis e comunica com algumas palavras, respondendo ainda a algumas frases simples. É-lhe difícil adaptar-se a coisas novas, gosta de ver televisão e tem fascínio pelo tiquetaque dos relógios.

1. A ausência de interações sociais tem consequências no desenvolvimento de competências especificamente humanas. Apresente exemplos a partir dos casos apresentados.